

A MEMÓRIA DISCURSIVA NA NARRATIVA DO CONTO DE FADAS “A BELA E A FERA”

Myrian Conceição Crusoé Rocha Sales¹

Resumo

Este artigo tem por finalidade evidenciar aspectos da *memória discursiva* da Análise do Discurso (AD) no conto de fadas “A Bela e a Fera”. A *memória* tem suas características peculiares quando estudada em relação ao discurso. Ela faz parte das condições de produção do discurso, juntamente com o sujeito e a situação. Este trabalho pretende refletir como funciona a memória em relação aos discursos, para isso, considerar-se-ão o texto e suas pistas que os levam a um sentido. Os diálogos entre as personagens fictícias do conto de fadas também serão considerados na análise, pois trazem em si um jogo imaginário que estabelecem as posições dos sujeitos do discurso.

Palavras-chave: Análise do Discurso; memória discursiva; formação discursiva; mecanismo imaginário; contos de fadas.

Introdução

A Bela e a Fera ou “*La Belle et la Bête*” é um conto de fadas francês e foi originalmente escrito por Gabrielle-Suzanne Barbot, Dama de Villeneuve, em 1740, mas foi em 1756 que o conto tornou-se mais conhecido, na versão de Madame Jeanne-Marie LePrince de Beaumont. Várias versões surgiram, adaptando-se a diferentes culturas e momentos sociais. A versão aqui analisada foi publicada na internet pelo portal *educacional.com.br*. Este texto traz diálogos e trechos narrativos e descritivos que mostram uma ideologia representada pelo dito e pelo não dito constitutivos da memória discursiva.

A Análise de Discurso procura investigar o *como* o texto faz sentido e, neste processo investigativo, a *memória discursiva* será o ponto de partida para o diálogo com o conto.

Para Orlandi (2007), com base em Pêcheux, a *memória discursiva* é tratada como *interdiscurso*, ou seja, é tudo aquilo que “*fala antes, em outro lugar*”; o “*já-dito*” que está na base do dizível. Isso porque quando falamos, pensamos que somos a origem desse dizer, mas, na verdade, este dizer já foi dito e pertence à memória coletiva, social. A memória discursiva é o “*saber discursivo que torna possível todos os dizeres e que retorna sob forma do pré-construído*” (ORLANDI, 2007).

Nesta relação entre o “*já-dito*” e o que se está a dizer, a autora faz a distinção entre *Interdiscurso* e *Intradiscurso*. Enquanto o primeiro se constitui de todos os dizeres já ditos e esquecidos, o segundo, pertence ao campo da formulação, ao que está se dizendo, num dado momento e em uma dada condição. Desta forma, ao dizer algo (intradiscurso/ formulação), nosso discurso se coloca na perspectiva do dizível (interdiscurso/ constituição). Portanto, o sujeito do discurso não é dono do seu dizer, pois o que ele diz pertence ao Interdiscurso, está na base do dizível.

¹ Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa do Discurso (NUPED). Especialista em Estudos Literários UEFs. Licenciatura em Letras UNEB.

Currículo lattes disponível em <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4277498A4>.
E-mail: myriancrusoe@hotmail.com

Vista nesta perspectiva, a *memória discursiva* é todo o conjunto do “já-dito”, sem deixar lacunas. No entanto, quando falamos não explicitamos todo o já-dito, mas nos inscrevemos em gestos do pré-construído. Nem sempre os dizeres são produzidos da mesma forma e com o mesmo sentido, muitas vezes, os sentidos dependem da posição assumida pelo sujeito e das posições ideológicas apresentadas no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. Isto acontece porque a formação discursiva (FD) é a responsável pelo que pode e deve ser dito, é por meio dela que o discurso constitui-se em sentidos, portanto, a FD parte do interdiscurso, delimitando o que pode e deve ser dito.

Mas, afinal como se processa esta memória, há diferença entre o Interdiscurso e a memória discursiva?

Para Indursky (2009), com base em Courtine (1981), a *memória discursiva* e o *interdiscurso*, apesar de pertencerem a uma memória coletiva, elas não se superpõem. A *memória discursiva* tem em si a FD específica, enquanto o *interdiscurso* representa a memória social referente a todas as FD, portanto comporta todos os dizeres.

Em seus estudos, a autora afirma que na década de 80, Courtine retoma as reflexões de Foucault e retorna a AD com uma concepção de memória. Em relação aos enunciados, diz que

toda produção discursiva faz circular formulações anteriores, porque ela possui em seu domínio associado outras formulações que ela repete, refuta, transforma, denega... Isto é: em relação às quais esta formulação produz efeitos de memória específicos. (COURTINE, 1981, p.52 apud INDURSKY, 2009, p. 5)

Assim, Indursky (2009) repensa a concepção de *memória* e afirma que ela está relacionada à formação discursiva (FD) do sujeito. Dentro da FD, há uma relação de parafraseagem entre os já ditos. Esta repetição parafrástica não é entendida como simples repetição de palavra por palavra como ocorre, por exemplo, com alguns provérbios, mas como um deslizamento, re-significação de sentido. Este ponto de vista, defendido por Freda Indursky (2009), mostra que a *matriz de sentido* recebe outros sentidos que atravessam as fronteiras da FD e assim passam a ser determinados em outras relações com a ideologia. Sobre esta relação entre FD e memória discursiva, a autora diz que

FD é regulada por uma memória discursiva que faz aí ressoar os ecos de uma memória coletiva, social. Por outro lado, nem tudo pode ser dito no interior de uma FD, de modo que a memória discursiva não é plena, não é saturada, pois nem todos os sentidos estão autorizados ideologicamente a ressoar em uma FD. Dessa forma, percebe-se que, assim como a FD é de natureza lacunar, a memória discursiva também o é. (INDURSKY, 2003, p. 8)

Ainda sobre a *memória*, não se pode esquecer que ela se faz constituinte nas condições de produção e, portanto, analisar tais condições é importante para construção dos sentidos. Não há discurso que não se relacione com outros. Nesta relação entre os discursos, o sujeito tem a capacidade de se colocar no lugar do outro, daquele que está lhe ouvindo, e neste episódio, Orlandi (2007) esclarece que há um *mecanismo de antecipação*. Este mecanismo antecipa sentidos e regula argumentos, pois o sujeito pode mudar seu dizer conforme o seu efeito que ele pensa que pode causar ao seu ouvinte. Além deste mecanismo, há a *relação de forças*. O lugar do qual o sujeito fala é constitutivo do que ele diz, assim, um pai fala de um lugar em que suas palavras têm uma autoridade determinada junto aos filhos. Porém, não são os sujeitos e seus lugares

que funcionam no discurso, mas “suas imagens que resultam de projeções”. Essas projeções permitem passar do *lugar de sujeito* para *posição de sujeito* no discurso. Ou seja, pode ocorrer, por exemplo, um filho falar numa *posição* de pai, mas no *lugar* social de filho. Portanto, não são apenas os lugares e seus sujeitos que fazem o discurso funcionar, mas as posições em que um discurso é realizado, as imagens produzidas. Este mecanismo produz imagens do sujeito e do objeto do discurso, dentro de uma situação sócio-histórica. O quadro abaixo representa o mecanismo imaginário entre os interlocutores:

Posição sujeito locutor	Posição sujeito interlocutor
Quem sou eu para lhe falar assim?	Quem é ele para me falar assim ou para que eu lhe fale assim?

Posição do objeto do discurso
Do que estou lhe falando e do que ele me fala?

Tudo isso faz parte de um jogo imaginário envolvendo a troca de palavras. Todos os dizeres, as condições de produção, os jogos de imagens e o mecanismo de antecipação são fatores que fazem parte da *memória* na Análise de Discurso. O propósito deste artigo é explicitar como estes mecanismos ocorrem no conto “A Bela e a Fera”.

Os sentidos e a memória discursiva

O conto *A Bela e a Fera* narra uma história que envolve duas personagens antagônicas, de aparência diferente. Que sentido(s) as palavras *Bela e Fera* apresenta(m) em nossa memória?

O *belo* para Platão foi considerado *manifestação do bem* que atraía e movimentava o homem em busca do conhecimento das demais coisas. O *belo* representava, no período de 400 a.C., uma ideia analógica às ideias de ser, de verdade e de bondade. Platão defendia que “o belo é aquilo que faz que haja coisas belas” (Platão *apud* CASTRO e CASTRO, 2012), portanto, uma ideia abstrata, independente da aparência do belo. Ao resgatar esta memória social da época de Platão, nota-se que o *belo* possuía certas propriedades concernentes ao sentimento e não ao objeto em si.

Após esta concepção primária da palavra *belo*, nota-se, no conto em análise, que a palavra é resgatada com outra concepção. Aqui, dar-se-á início a uma reflexão sobre a memória em AD: *a repetição*. Na AD, este processo de repetição pode levar a um deslizamento, a uma re-significação. Enquanto Platão concebia o belo independente da aparência, priorizando “*aquilo que faz que haja coisas belas*”, percebe-se que, no conto, este conceito sofreu uma re-significação. O *belo*, agora se materializa na aparência representada pela personagem feminina “Bela”. Sua beleza física, seu carinho e sua bondade são características de ser *belo*, como demonstra o fragmento:

“Há muitos anos, em uma terra distante, viviam um mercador e suas três filhas. A mais jovem era a mais **linda e carinhosa, por isso era chamada de ‘BELA’**”. (Disponível em <<http://www.educacional.com.br/projetos/ef1a4/contosdefadas/belaefera.html>> Acesso em: 08 jun. 2012)

Houve, portanto, um processo de deslocamento de sentido. O Belo, agora, representado pela personagem feminina migra para outra Formação Discursiva (FD), inscreve-se em outra matriz de sentido, sendo determinada por outra relação com a ideologia. Por ser o conto de fadas um meio para se ensinar as relações axiológicas ditas por uma determinada época e sociedade, o *belo* é contemplado pelo sentimento, mas, também pela aparência, portanto, o valor implícito em *belo* está relacionado ao sentimento e à aparência e, este dito está inscrito em nossa memória coletiva.

Sobre este deslocamento de sentido que sofre a palavra *belo*, Pêcheux afirma: “um enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (Pêcheux, 1983/1990, p.53).

A palavra Fera, nomeando o personagem do conto, também passa por modificações de sentido. O título original “*La Belle et la Bête*” foi traduzido em Portugal como “A Bela e o Monstro”, em Londres “*Beauty and the Beast*” . Não entrando no mérito da semântica da tradução, mas no sentido que a palavra passa conforme sua historicidade e a ideologia embutidas em cada sentido e momento, queremos analisar o “como” o dito e o não-dito fazem sentido. Vejamos as imagens que representam os personagens em questão:

Imagem 01



A Bela e a Fera em uma ilustração de Anne Anderson. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Bela_e_a_Fera> Acesso em 08 jun. 2012

Imagem 02



Ilustração para a edição de “*Beauty and the Beast*”, Walter Crane, Londres: George Routledge and Sons, 1874 Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Bela_e_a_Fera> Acesso em 08 jun. 2012

Imagem 03



A Bela e a Fera. Filme Disney Disponível em <<http://cinemahomensepoca.blogspot.com.br/2010/06/livre-para-todos-os-publicos.html>> Acesso em 08 jun. 2012

A imagem sempre esteve presente nos contos de fadas, ora aguçando o imaginário, ora como forma alegórica proposital ao ensinamento infantil. O conto a

“Bela e a Fera” além de trazer toda esta indumentária literária, transmite “valores sociais” às crianças.

Em todas as imagens apresentadas acima, mesmo em diferentes épocas, a *Fera* está ligada à noção de monstro e este ser diferente está relacionado ao negativo, ao oposto de belo, ou seja, ao feio, *á Fera*. Tudo isso transmitido de geração em geração, está lá, na *memória discursiva*, no “já-dito”.

No trecho a seguir, o pai de Bela, após sair do castelo, pega um rosa para sua filha e é surpreendido pela Fera, dono do castelo. Este ser *diferente* assume sua “posição” de Fera, a “imagem” de Fera.

“Ouvii, então, atrás de si um rugido pavoroso e, voltando-se, viu um ser monstruoso que disse:

— É assim que pagas a minha hospitalidade, roubando as minhas rosas? Para castigar-te, sou obrigado a matar-te!”

(Disponível em

<<http://www.educacional.com.br/projetos/ef1a4/contosdefadas/belaefera.html>> Acesso em: 08 jun. 2012)

Observa-se que, no discurso da Fera, ela assume a posição de monstro, de um ser mau e aterrorizante que é “obrigado” a matar o mercador que roubou suas rosas. A imagem, agora, deixa de ser a da aparência para ser a representada pelo discurso. Essas projeções que cada imagem assume representam as posições de sujeito. Cada formação imaginária pode ser associada a uma pergunta implícita:

Imagem da posição de sujeito locutor (Fera)= Quem sou eu para lhe falar assim?

Imagem da posição de sujeito interlocutor (mercador)= Quem é ele para me falar assim ou para que eu lhe fale assim?

Orlandi afirma que “estas posições significam em relação ao contexto sócio-histórico e à memória.”

Ainda em relação ao mecanismo imaginário e à memória, retornando ao conto, há um trecho em que, com o consentimento do pai, Bela resolve se oferecer para morar com a Fera em lugar do seu genitor. Ao chegar ao castelo, encontrou tudo como seu pai havia descrito, mas não encontrou nenhuma alma viva. Entrou em seu quarto e...

“Na hora do almoço, sentiu bater e se aproximou temerosa da porta. Abriu-a com cautela e se encontrou ante de Fera. Amedrontada, retornou e fugiu através das salas. Alcançada a última, percebeu que fora seguida pelo monstro. Sentiu-se perdida e já ia implorar piedade ao terrível ser, quando este, com um grunhido gentil e suplicante lhe disse:

— Sei que tenho um aspecto horrível e me desculpo; mas não sou mau e espero que a minha companhia, um dia, possa ser-te agradável. Para o momento, queria pedir-te, se podes, honrar-me com tua presença no jantar.” (Disponível em

<<http://www.educacional.com.br/projetos/ef1a4/contosdefadas/belaefera.html>> Acesso em: 08 jun. 2012)

Neste momento, a Fera tenta mostrar uma imagem oposta a já construída. Há, portanto, um mecanismo de antecipação, quando o sujeito do discurso, a Fera, coloca-

se no lugar de seu interlocutor, a Bela e antecipa uma imagem que Bela pode ter a seu respeito. Por já trazer uma imagem do “já-dito” de monstro e feio, a Fera agora se coloca em outro lugar, o do interlocutor e tenta convencer Bela do oposto, já internalizado na memória.

No trecho a seguir, há um diálogo entre a Fera e a Bela, momento em que a Fera, apaixonada, decide declarar-se a Bela.

Uma tarde, a Fera levou Bela à parte e, timidamente, lhe disse:
 — Desde quando estás aqui a minha vida mudou. Descobri que me apaixonei por ti. Bela, queres casar-te comigo?
 A moça, pega de surpresa, não soube o que responder e, para ganhar tempo, disse:
 — Para tomar uma decisão tão importante, quero pedir conselhos a meu pai que não vejo há muito tempo! (Disponível em
 <<http://www.educacional.com.br/projetos/ef1a4/contosdefadas/belaefera.html>> Acesso em: 08 jun. 2012)

Pode-se analisar o silenciamento colocado por Bela neste pedido de casamento. A expressão “não soube o que responder” e em outro trecho, quando ao responder, diz: “- Para tomar uma decisão tão importante, quero pedir conselhos a meu pai”, a resposta da personagem não corresponde à pergunta feita pelo locutor, portanto, o discurso de Bela representa o que Orlandi define de silêncio constitutivo. Para a autora, “No silêncio constitutivo, utiliza-se uma palavra ou expressão no lugar de outra. Por exemplo, dizer ‘não culpado’ significa não dizer ‘inocente’”. (ORLANDI, 1999, p. 83).

Na memória discursiva, defendida por Orlandi (2007), estão todos os “já-ditos” e esquecidos, mas a Formação Discursiva determina o que pode e deve ser dito. Assim, “o não-dito” foi determinado por uma formação discursiva da personagem Bela. Por já trazer na sua memória discursiva uma concepção de *Fera*, a personagem Bela não pode responder sim ao pedido de casamento. O “silenciamento” é o que não pode ser dito devido a FD do sujeito discursivo.

Todos os mecanismos aqui analisados perpassam pela memória discursiva, assim constituem-se sentidos aos discursos apresentados.

Considerações finais

Os elementos, ora apresentados e explicitados, são constitutivos da memória discursiva. Os contos de fadas são exemplos de que os efeitos da história e da ideologia não se apagam da memória, apenas estão esquecidos, mas que retomam com outra significação. Portanto, os contos de fadas são narrativas que contribuem na formação da criança como sujeito ideologicamente discursivo. Sua formação discursiva partirá desta memória social, coletiva.

Nessa perspectiva, os elementos constitutivos dos discursos que são ouvidos e interiorizados pelas crianças formarão o interdiscurso que fará parte de uma memória discursiva que será fundamental não só no momento da produção de uma narrativa, mas na construção de sentidos. Dessa forma, ressalta-se a importância do contar história para a formação do sujeito discursivo.

A criança, ao ouvir um conto, como o analisado neste artigo, além de estar de posse de vários elementos e pistas que nortearão a sua compreensão textual, também

formará uma memória que será fundamental no momento da sua produção discursiva. O sujeito discursivo forma-se a partir dos vários discursos com os quais entra em contato. Assim, os adultos e todos que cercam a criança na sua vida ajudam-na na construção da memória discursiva que garantirá ou não a qualidade da sua narrativa.

Referências

COURTINE, J.J. **Analyse du discours politique**. Langages, Paris, Larousse, n.62, 1981.

DUCROT, O. **O Dizer e o Dito**. São Paulo, Pontes, 1987.

INDURSKY, F. **Memória, interdiscurso: limites e contrastes**. (Texto xerocopiado apresentado no IV Seminário de Pesquisa em Análise de Discurso, evento realizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em Vitória da Conquista, Bahia, junho de 2009).

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 7ª edição, Campinas, S.P: Pontes, 2007.

ORLANDI, E. **As Formas do Silêncio**. Campinas, UNICAMP Editora, 1992

PÊCHEUX, M. & FUCHS, C (1975). **A propósito da Análise do Discurso**. In: GADET, F. & HAK, T. Por uma análise automática do discurso. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1990.

PÊCHEUX, M. (1983). **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas, Pontes, 1990.

Texto do Conto *A Bela e a Fera*. Disponível em:

<<http://www.educacional.com.br/projetos/ef1a4/contosdefadas/belaeafera.html>>

Acesso em: 08 jun. 2012

CASTRO, João Cardoso de & CASTRO, Murilo Cardoso de. **Belo**. Disponível em:

<<http://www.filoinfo.bem-vindo.net/filosofia/modules/lexico/entry.php?entryID=537>>

Acesso em: 04 jun. 2012.

